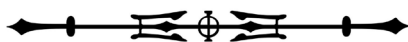


Paper do NAEA Volume 28

A saga dos *koutakusseis* na Amazônia

Reiko Muto¹
Luis E. Aragón²



RESUMO

Grosso modo, houve três grandes projetos de colonização agrícola na Amazônia de iniciativa dos japoneses: o Projeto *Nantaku* para plantação de cacau em Tomé-Açu (PA) e algodão em Monte Alegre (PA); o Projeto *Koutaku* de Parintins (AM), para plantação de juta e o Projeto *Amako* dedicado à plantação de guaraná em Maués (AM). Dos três, o *Koutaku* foi idealizado pelo político Tsukasa Uyetsuka (1890-1978) e pelo Professor Kotaro Tuji (1903-1970), para introduzir a cultura da juta no estado do Amazonas, após a concessão de um milhão de hectares de terras devolutas pelo governo do Amazonas em 1927. A doação voluntária das terras pelo governo amazonense visava estabelecer colônias agrícolas com imigrantes japoneses no intuito de superar a crise econômica gerada pela decadência da produção da borracha. À diferença dos outros dois projetos, e de certa forma, da migração dessa etnia em geral em terras brasileiras, o Projeto *Koutaku* envolveu participantes tecnicamente preparados, chamados de *koutakusseis*, que se dedicaram à cultura da juta que teve seus anos de glória entre as décadas de 1950 a 1970. Este paper descreve a saga dos *koutakusseis* e outros participantes do Projeto *koutaku* na Amazônia. São histórias de vida coletadas por Reiko Muto para elaboração da sua tese, que exemplificam os sofrimentos, sacrifícios, sonhos, sucessos e insucessos desses migrantes que chegaram com o firme propósito de “desvrbar a Amazônia” e estabelecer aqui seus próprios negócios e fazer desta terra um melhor lugar para morar.

Palavras-chave: Koutakusseis. Projeto Koutaku. Parintins. Amazônia. Migração japonesa .

1 Doutora em Desenvolvimento Socioambiental do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFPA. Professora associada da Faculdade de Ciências Contábeis da UFPA. Contato: reikomuto@gmail.com.

2 Ph.D. em geografia, professor titular do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/Universidade Federal do Pará, bolsista de produtividade do CNPq e Coordenador da Cátedra UNESCO/UFPA de Cooperação Sul-Sul para o Desenvolvimento Sustentável. Contato: aragon_anae@ufpa.br.

ABSTRACT

Roughly speaking, there were three major agricultural colonization projects in the Amazon on the initiative of the Japanese: The *Nantaku* Project for cocoa plantation in Tomé-Açu (PA) and cotton in Monte Alegre (PA); the *Koutaku* Project in Parintins (AM), for jute plantation; and the *Amako* Project dedicated to the Guarana plantation in Maués (AM). Of the three, the *Koutaku* Project was the best designed, and introduced in the state of Amazonas the jute culture that had its glory years between the 1950s and 1970s. This Project was devised by politician Tsukasa Uyetsuka (1890-1978) and Professor Kotaro Tuji (1903-1970), after one million hectares of vacant land was voluntarily donated by the government of Amazonas in 1927 to establish agricultural settlements with Japanese immigrants to overcome the economic crisis generated by the decline of rubber production. Unlike the other two projects, and to some extent, the migration of this ethnic group in general in Brazilian lands, the *Koutaku* Project involved technically prepared participants called *koutakusseis*. This paper describes the *koutakusseis* saga and other participants of the *Koutaku* Project in the Amazon. These life stories collected by Reiko Muto to elaborate her thesis exemplify the sufferings, sacrifices, dreams, successes, and failures of these migrants who arrived with the strong purpose of “unraveling the Amazon” and establishing their own businesses here and making this land a better place to live.

Keywords: Koutakusseis. Koutaku Project. Parintins. Amazon. Japanese migration.

.

INTRODUÇÃO

No contexto histórico da “velha³ imigração” japonesa na Amazônia, que completa 90 anos em setembro de 2019, grosso modo, houve três grandes projetos de colonização agrícola de iniciativa dos japoneses, que sustentaram a vinda de cerca de três mil imigrantes dessa etnia para Amazônia brasileira, entre os anos de 1929 a 1939. O Projeto *Nantaku* (*Nanbei Takushoku Kabushiki Kaisha*) - para produção de cacau em Tomé-Açu e algodão em Monte Alegre, no estado do Pará; o Projeto *Koutaku* (*Kokushikan Koutou Takushoku Gakkou*) no município de Parintins, para plantação de juta nas várzeas do vale do rio Amazonas; e o Projeto *Amako* (*Amazon Kogyo Kabushiki Kaisha*)- dedicado à plantação de guaraná, que formou o pequeno núcleo de Kosaku Oishi e Hisae Sakiyama no município de Maués, no estado do Amazonas.

Em termos de planejamento, o Projeto *Koutaku* foi o mais bem estruturado e introduziu a cultura da juta no estado do Amazonas. Esse projeto foi idealizado pelo político Tsukasa Uyetsuka (1890-1978) (UYETSUKA [1954] 2011) e pelo Professor Kotaro Yuji (1903-1970) (TUJI, 1968), para explorar um milhão de hectares de terras devolutas doados voluntariamente pelo governo do Amazonas em 1927⁴ para estabelecer colônias agrícolas com imigrantes japoneses, no intuito de superar a crise econômica gerada pela decadência da produção da borracha. À diferença dos outros dois grandes projetos de colonização agrícola dos japoneses na Amazônia, e de certa forma, da migração dessa etnia em geral em terras brasileiras, o Projeto *Koutaku* envolveu participantes tecnicamente preparados.

O político Uyetsuka que participou intensamente da vida política do Japão durante a primeira metade do século 20, buscava expandir o mercado japonês por meio da agricultura da juta na Amazônia, necessária para a indústria têxtil, que era na época monopólio da Índia, inclusive para atender a demanda do mercado brasileiro, grande exportador de café embalado em sacaria de juta. Para implementar o projeto, Uyetsuka, com apoio do governo japonês, criou a Escola Superior de Colonização do Japão em 1930, onde se formariam os futuros técnicos de colonização da Amazônia. A eles cabia organizar e administrar as colônias e liderar os futuros colonos. O treinamento desses técnicos envolvia um ano de curso intensivo nessa Escola sobre geografia da América Latina, língua portuguesa, agricultura, construção civil, pesquisa para aproveitamento de produtos primários e veterinários, educação física e outros assuntos. Exigia-se também outro ano de treinamento prático no Instituto de Pesquisa, fundado por Uyetsuka, em

3 O fluxo migratório de japoneses na Amazônia brasileira está dividido em três períodos distintos. Primeiro, com a chegada dos imigrantes pioneiros para Tomé-Açu (PA) em setembro 1929, para a região de Maués (AM) em janeiro de 1930, e em Parintins (AM) em junho de 1931. Seguido de sucessivas vindas de grupos de imigrantes até o início da década de 1940, conhecido como “velha imigração” (chamado de “kyu-imin” pelos japoneses). Um segundo período, conhecido como “nova imigração” (chamada de “shin-imin” pelos japoneses) ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, com a chegada dos imigrantes para o estado do Amazonas em 1953 seguido para as colônias do Pará e pequena parcela para os antigos territórios federais do Amapá, Rondônia, Roraima e Acre. A maior incidência dessa segunda etapa ocorreu na década de 1950, cujo fluxo foi se espaçando até a década de 1970 (JAMIC, 1988). O terceiro período iniciou no final da década de 1980, com o processo de inversão do fluxo migratório com a ida dos *dekasseguis* ao Japão, que se prolonga até os dias atuais.

4 O ato de concessão de terras do governo do Amazonas (contrato assinado em 11 de março de 1927), inicialmente designado à Genzaburo Yamanishi (comerciante) e Kinroku Awazu (intérprete contratado pela Embaixada japonesa), dentre as condições prévias a delimitação de um milhão de hectares, em um prazo de dois anos para iniciar a colonização e exploração agrária, já que o título definitivo da propriedade da terra seria concedido na medida em que fossem demarcadas (A CONCESSÃO..., 1936, p. 38-44).

1930. O Instituto funcionava em Vila Amazônia, próximo da cidade de Parintins, adquirida por Uyetsuka para sediar o projeto no Brasil. Os estudantes receberam o nome de *Koutakusseis*⁵ e vieram a Vila Amazônia em sete turmas, entre 1931 e 1939, assim que terminavam um ano de treinamento no Japão.

O Projeto *Koutaku* gerou importante impacto econômico na história do Amazonas, e sua influência cultural na sociedade Amazônida é notada até hoje. Economicamente, o maior legado dos *koutakusseis* na Amazônia foi a descoberta em 1934 de uma nova variedade de juta pelo colono Ryota Oyama (1882-1972), chamada de “juta Oyama” (UYETSUKA, [1954] 2011, p.19; IKEGAMI, 2009, p.210-13). O colono Ryota Oyama e sua família tinham vindo com a terceira turma de *koutakusseis* em 1933 (SIAN). Foi essa nova variedade de juta que se adaptou às condições amazônicas e se espalhou pela região e teve seus anos de glória entre as décadas de 1950 a 1970, quando sua fibra para sacaria era um insumo importante para a economia doméstica e para o mercado internacional.

Na década de 1950, a produção da fibra passou a ser um dos principais sustentáculos da economia amazonense, pois a juta era responsável, aproximadamente, por um terço do valor total das exportações do estado do Amazonas. A expansão da juta ao longo das várzeas do rio Amazonas e seus afluentes permitiu que o Brasil atingisse a autossuficiência em 1953 e a vida do juticultor melhorou bastante. O trabalho de Libonati (1958) descreve a real importância da juta para a Amazônia, pois dela dependia a circulação da maioria dos produtos alimentares naquela época. O apogeu da juta ocorreu na década de 1960, envolvendo mais de 50 mil famílias no seu plantio, quando um terço do PIB do estado do Amazonas era decorrente da lavoura de juta (HOMMA et al., 2011, p. 189). No pico da safra, em 1965, a produção chegou a 47.687 mil toneladas de fibra. A juta e seus manufaturados contribuíram com 12% da arrecadação do Amazonas, em 1966 (JUTA..., 1970, p. 9; HOMMA, 2007, p. 64).

Entretanto, o surgimento dos polímeros no mercado de embalagem (incluindo a fibra sintética) e do transporte a granel (container) na década de 1960, a implantação da Zona Franca de Manaus, em 1967 e a globalização da economia na década de 1970 para frente, entre outros fatores, mudaram gradativamente a economia da região, gerando êxodo rural e a consequente decadência da produção de juta. Segundo Homma (2016, p. 91) a produção de juta nas décadas de 1970 e 1980 oscilava entre 42.000 e 2.000 mil toneladas/ano no estado do Amazonas, decaindo continuamente até atingir, em 2013, a produção de 448 toneladas no estado do Amazonas e somente 42 toneladas no estado do Pará. Foi o fim dessa cultura no Brasil. Como consequência, os pioneiros japoneses da

5 *Koutakusseis* ou *koutaku-sei* - pode ser traduzido como “aluno da escola especializada em colonização”, sob o nome inicial de Escola Superior de Colonização *Kokushikan* (*Kokushikan Koutou Takushoku Gakkou*), instituída pelo político Tsukasa Uyetsuka, depois denominada de *Nippon Koutou Takushoku Gakkou*. A alcunha derivada do nome dessa escola deve-se à junção de três ideogramas *kou-taku-sei*: “kou” de *koutou* que significa superior; “taku” de *takushoku*, que significa colonização, ou plantação; e “sei” que significa estudante, aluno, aprendiz. Entretanto, conforme estabelece a Lei No 97, de 20 de outubro de 2011, promulgada pela Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, a expressão *koutakusseis* passou a referir-se ao grupo de estudantes japoneses que se instalaram em Parintins, na década de 1930, reconhecidos formalmente pelo estado do Amazonas como precursores do ciclo econômico da juta no Amazonas. Enquanto que *Koutaku* – é uma alcunha derivada do nome da escola *Nippon Koutou Takushoku Gakkou*, traduzido como Escola Superior de Colonização do Japão. O grupo *koutaku* congrega os estudantes *koutakusseis*, professores, funcionários, colonos e agregados que participaram do projeto de colonização de Parintins (AM), conhecido como Projeto *Koutaku*.

juta, interagindo com os caboclos da região, passaram a dedicar-se à criação de gado, ou de aves, comércio em geral, plantação de pimenta-do-reino, de frutas e de hortaliças nas proximidades das cidades.

Por outro lado, a vida desses imigrantes, seja dos pioneiros na execução do projeto, como daqueles que se espalharam em diversos municípios da Amazônia não foi nada fácil, especialmente pela xenofobia, eugenia e perseguição política que vieram estabelecer o regime de quotas de caráter restritivo à imigração e restrição à concessão de terras acima de dez mil hectares, com objetivo de evitar a formação de quistos de estrangeiros no território nacional. Com a promulgação da Constituição Federal de 1934, as concessões de terras doadas pelo governo do Amazonas aos japoneses foram anuladas, e nunca recuperadas, apesar dos esforços dos condutores do Projeto Koutaku. Com a eclosão da Segunda Guerra mundial os ideais visionados para o Projeto Koutaku ruíram de vez, com o confisco de bens dos japoneses como espólio de guerra, em 1942, especialmente das terras de Vila Amazônia e todas suas dependências e instalações da Companhia Industrial Amazonense S/A, da Colônia Modelo Andirá⁶ e de outras sucursais de compra e venda de juta.

Dentro desse contexto político que atingiu a vida de cada membro da família *koutaku*, este paper descreve a saga dos *koutakusseis* e outros participantes do Projeto Koutaku que permaneceram na Amazônia. São histórias de vida coletadas pela autora para elaboração da sua tese (MUTO, 2018), defendida e aprovada em 30 de novembro de 2018. Vale a pena resgatar estas histórias representativas que exemplificam os sofrimentos, sacrifícios, sonhos, sucessos e insucessos desses migrantes que chegaram com o firme propósito de “desvrbar a Amazônia” e estabelecer aqui seus próprios negócios e fazer desta terra um lugar melhor para morar.

QUANTIFICANDO OS IMIGRANTES DO PROJETO KOUTAKU

Nos registros do Sistema do Arquivo Nacional (SIN), consultados para a elaboração da tese de Muto (2018) foram identificados 542 imigrantes que vieram por navios participar do Projeto Koutaku, em sete turmas, entre os anos de 1931 a 1939, sendo 248 alunos *koutakusseis*, 25 funcionários (professores e técnicos), 29 colonos e mais 240 agregados, assim considerados as esposas e noivas, filhos, pais e parentes (tios, primos, sobrinhos, cunhados, sogros), vindos diretamente do Japão para Vila Amazônia⁷ (Tabela 1) (Figura 1 e 2).

6 A Colônia Modelo de Andirá estava situada na zona rural, na área de concessão do governo do estado do Amazonas, no município de Barreirinhos (AM), entre os rios Uaicurapá e Andirá, cerca de 40 km da cidade de Parintins (AM).

7 Afora o levantamento no período investigado (1931-1939), foram localizados mais 40 funcionários que vieram de outros projetos, elevando o número total de imigrantes no Projeto Koutaku para 582 imigrantes. E conforme outras fontes, o número de *Koutakusseis* também pode ser de 250. Na investigação realizada por Muto (2018) nas listas de passageiros de navios de bandeira japonesa aportados nos portos do Rio de Janeiro e Santos (SIAN) não foram localizados os nomes dos *koutakusseis* Takashi Kuroda da 2ª turma (1932) e de Takashi Ueda da 7ª turma (1937), citados por Uyetsuka ([1954] 2011). Presumivelmente eles chegaram pelo porto de Santos, em épocas diferentes ou com nomes diferentes, ou em navios de outras bandeiras. Logo, se forem considerados os nomes dos dois citados, o quantitativo de *koutakusseis* passaria para 250.

Tabela 1- Entrada de imigrantes para o Projeto Koutaku (1931-1939)

Turmas	Saída do Japão	Chegada porto RJ	Navio	Chegada Parintins	Kou-takusseis	Prof. e Técnicos	Colonos	Agregados	Total
1ª	19.04.1931	05.06.1931	Santos Maru	20.06.1931	38	4			42
	Jun. 1931	04.08.1931	Montevideo M.	Ago. 1931		1		2	3
	Set.1931	10.11.1931	Santos Maru	Nov.1931	4	2		1	7
2ª	16.04.1932	01.06.1932	Rio de Janeiro M	03.07.1932	52	4	5	33	94
	20.09.1932	05.11.1932	Rio de Janeiro M	03.12.1932				5	5
3ª	Jan.1933	20.03.1933	Santos Maru	Abril1933		2		2	4
	15.04.1933	31.05.1933	Montevideo M	26.06.1933	67	2	1	12	82
	13.09.1933	31.10.1933	Montevideo M	19.11.1933	3	4	7	38	52
4ª	18.04.1934	01.06.1934	Buenos Aires M	29.06.1934	49	1	1	34	85
	Jul. 1934	29.08.1934	Montevideo M	24.09.1934		2	3	19	24
5ª	16.04.1935	30.05.1935	Rio de Janeiro M	03.07.1935	18	1	6	45	70
6ª	16.04.1936	30.05.1936 19.06.1936	La Plata Maru	Julho 1936	13	1	2	29	45
7ª	30.05.1937	14.07.1937	Montevideo M	08.08.1937	3		2	5	10
	26.10.1938	18.12.1938	YamazatoMaru	Jan. 1939		1		2	3
	30.09.1939	17.11.1939	La Plata Maru	Dez.1939	1		2	13	16
Total					248	25	29	240	542

Fonte: Muto (2018, p. 174).

Figura 1 - Foto da Primeira Turma de Koutakuseis (1931)



Fonte: Associação Koutaku do Amazonas.

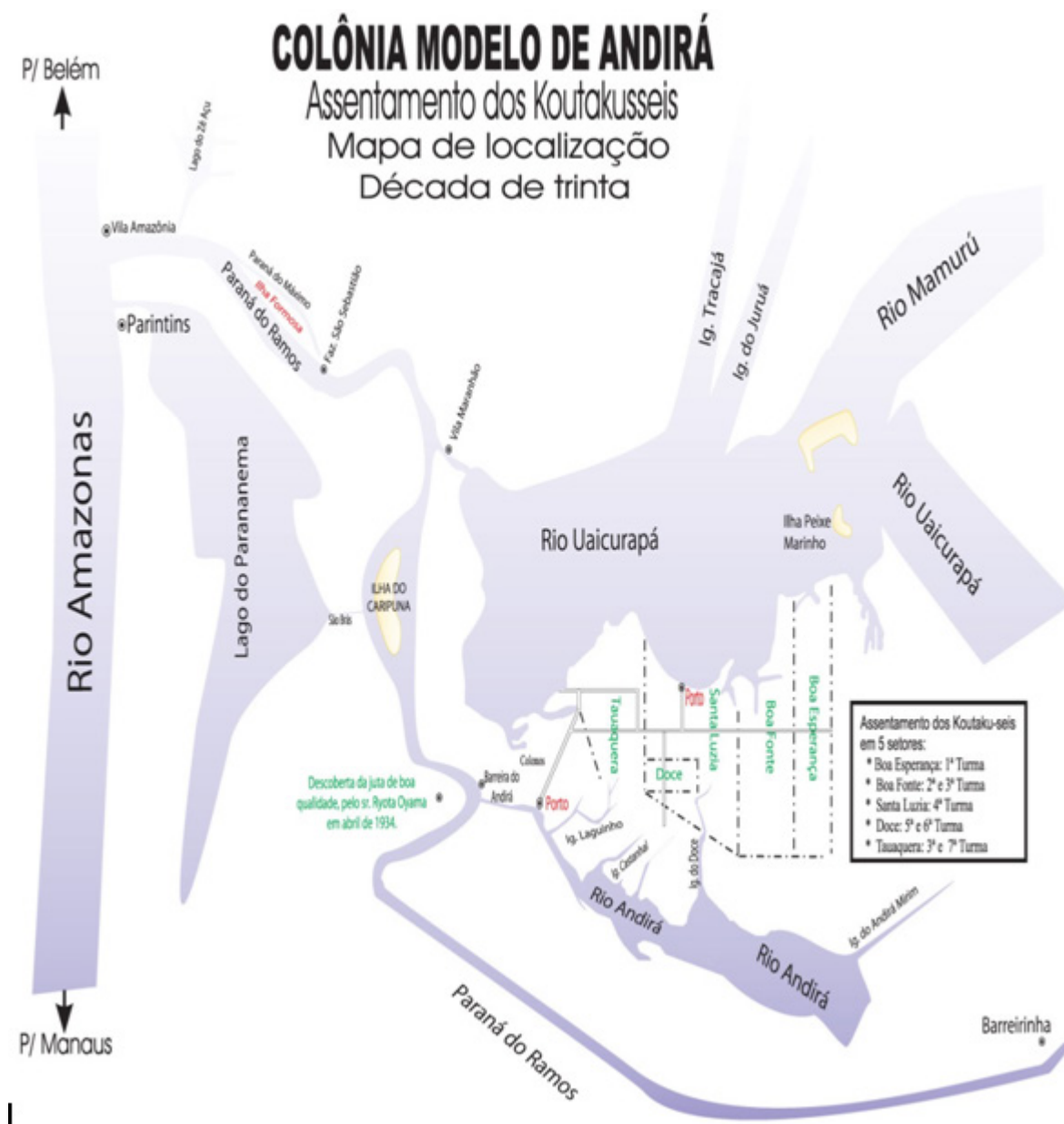
Figura 2 – Foto da Segunda Turma em frente ao hotel em Yokohama, em 16 de abril de 1932



Fonte: Associação Koutaku do Amazonas.

Em 1933, Kotaro Tuji e Sakae Oti fundaram a Colônia Modelo de Andirá na área de concessão, na foz do rio Andirá, situada entre os rios Uaicurapá e Andirá para onde eram encaminhados os colonos e *koutakusseis* para levar avante a colonização agrícola (TUJI, 1968) (Figura 3).

Figura 3 – Croqui da Colônia Modelo de Andirá



Fonte: Associação Koutaku do Amazonas.

A SAGA DAS FAMÍLIAS KOUTAKU

Para quem conhece a realidade da vida cotidiana no interior da Amazônia pode imaginar quão difícil era viver nessa imensidão de terras, entre rios, lagos, furos e igarapés, na década de trinta onde tudo era distante. O meio de transporte daquela época era a grande preocupação dos imigrantes em casos de acidentes e doenças, como relataram muitas famílias de *koutakusseis*. Por exemplo, a mulher de Koichi Kudo relata que por ocasião de um acidente que seu marido sofreu na Colônia de Boa Esperança (ver Fig. 3), seus três colegas remaram nove horas e meio até Vila Amazônia, isto é, cerca de 40 km⁸, a favor da correnteza no rio Uaicurupá e Paraná de Ramos (NAKANO, 2000c, p.3-4). Kiyoko Harada conta que o seu marido com um remador nativo da região levou três dias de viagem em canoa, de Oriximiná a Óbidos, isto é, para percorrer apenas 60 km a jusante (APANB, 2001, p.17).

Oportuno registrar que Koichi Kudo depois de sofrer o acidente na Colônia Boa Esperança retornou ao Japão em dezembro de 1933. Após o tratamento ficou trabalhando na terra natal, pois não pretendia voltar ao Brasil. Entretanto, após o conflito fronteiriço em Nomonghan, na Mongólia em 1939, e ocupação militar na Manchúria os jovens japoneses estavam sendo recrutados coercitivamente, de modo que ele foi aconselhado por Uyetsuka a retornar a Amazônia. Assim, o casal Kudo com a filha Kimio embarcou no navio Arábia Maru (em 27 mar. 1941) de volta ao Brasil. Na época da guerra, Kudo foi trabalhar em Juruti com os irmãos Takashi Maruoka e Azuma Maruoka e Masumi Kobayashi em agosto de 1942 (NAKANO, 2000c, p.4).

Pelos relatos dos pioneiros e de seus descendentes a vida desses imigrantes foi de labuta e superação, pois afora a solidão pela distância de seus familiares, amigos e vizinhos, a vida cotidiana foi de muita penúria pela carência de tudo que se pode imaginar, se comparado com a sociedade urbana dos dias atuais. Eles tiveram que se conformar com as coisas simples da vida cotidiana dos ribeirinhos: comida a base de peixe, farinha e água do rio, moradia em casebres de palmeira coberta de palha, sem energia elétrica, gás, água tratada e outras necessidades básicas do mundo contemporâneo.

Outros falam de infortúnio e resignação das jovens esposas, que chegaram na década de 1930 casadas por encomenda (*miyai*)⁹, de 17 a 20 anos de idade, para enfrentar o calor “escaldante” equatorial e os múltiplos insetos que povoam a região, como as variedades de mosquitos (*carapanãs*, *maruins*), variedades de formigas (como as saúvas e *tucandeiras*), vespas (*cabas*), moscas (comuns e varejeiras), inclusive os minúsculos carrapatos vermelhos (conhecidos como *muçuins*), sanguessugas, peixe elétrico (*poraquê*) afora os répteis (jacarés, cobras e lagartos), aranhas e outros animais perigosos da selva amazônica. Tal era a insalubridade e a falta de recursos médicos que algumas jovens senhoras faleceram no interior da Amazônia por doenças desconhecidas, acidentes, partos, suicídios e homicídios. Devido à distância no interior da Amazônia, muitas senhoras deram à luz sozinhas, como relata Toshiko Yamaguchi (NAKANO, 2000b), ou com auxílio do esposo, ou ainda assistida por parteira curiosa, como era comum naqueles tempos. Obviamente, muitas parturientes, bebês e crianças morreram nessa época, sem chegar sequer a serem registradas.

8 Atualmente para ir de Parintins à praia de Itaracuera, no lago de Uaicurupá, por voadeira (lança rápida) se gasta cerca de uma hora apenas.

9 Naquela época a maioria dos casamentos era arranjada por meio de fotografias (conhecido como *shashin miyai*), providenciado pelos membros das famílias no Japão. Decidida a esposa, ela era registrada com o sobrenome do marido ainda no Japão (embora os nubentes nem se conhecessem pessoalmente) e a empresa de emigração a encaminhava para a colônia além-mar. Eram conhecidas como noivas de encomenda.

Nas entrevistas realizadas por Muto (2018), alguns descendentes, entre os quais os filhos de Gentaro Ogino, Hiroky Oda, Touru Okamura e Satoshi Yamaguchi, relataram o sofrimento das mães, que choravam muito querendo voltar à terra natal, mas que nunca conseguiram retornar. Na verdade, muitos *koutakusseis*, cumprindo a promessa de nunca mais voltar ao Japão, faleceram nessa região, inclusive por suicídio¹⁰. A morte repentina trazia desespero para todos, pois eles não sabiam como se defender ou prevenir.

Dentre os casos relatados pelos entrevistados, oportuno citar o caso de Haru Ogino (1918-1942), recém-casada com Gentaro Ogino, chegou em 1936, aos 18 anos, e faleceu em 1942, aos 24 anos, deixando duas crianças pequenas de 3 e 5 anos desamparadas (informação verbal)¹¹. Outra história de sofrimento e luta muito comentada pelos entrevistados foi sobre a família do *koutakusei* Satoshi Yamaguchi (1912-1949), que faleceu de malária aos 37 anos, deixando a mulher Toshiko com oito filhos, sendo um ainda no ventre. Para sobreviver numa época difícil, de pós-guerra, a viúva teve que distribuir seis filhos nas casas dos patrícios e passou a cuidar do alojamento de estudantes nikkeis em Parintins (informação verbal)¹². Em 1951 ela foi com a filha mais velha e o bebê caçula para um sítio, com posto de venda em Paraná do Comprido. Só depois de vários anos de penúria ela conseguiu reunir os oito filhos e sustentá-los no interior da Amazônia (NAKANO, 2000b; ASS. KOUTAKU-AM, 2011, p. 98).

A história de vida do *koutakusei* Munekazu Kimura - conhecido como “Kimurinha” - serviria para um enredo da dramaturgia amazônica, pois ele perdeu a jovem esposa Shikino, de 28 anos, em 1943, deixando três filhos pequenos. Passados cerca de cinco anos, “Kimurinha” casou com Teruo (batizada como “Angélica”), viúva de Shoji Hidaka que havia falecido deixando também três crianças (informação verbal)¹³. Do segundo matrimônio nasceram mais quatro meninas, mas que foram assassinadas junto com a mãe por um ex-trabalhador de nome Maurício da Paz, que foi assaltar as economias da família na ausência de “Kimurinha”. Segundo relato da filha de Shikino o crime abalou os japoneses e a comunidade local, pois Teruo estava em estado avançado de gestação (de 7 a 8 meses) e foi brutalmente assassinada, com golpes de terçado e machado junto com as quatro meninas, de 2, 4, 6 e 7 anos, em novembro de 1956. Além da dor pela perda de seis membros da família de uma só vez, “Kimurinha” ficou com a tristeza da impunidade ao saber que o algoz depois de preso conseguiu fugir, e ainda assassinou mais duas pessoas em Nova Olinda (rio Madeira) e andava solto saqueando os indefesos por alguns anos, até finalmente ser executado pela polícia (informação verbal)¹⁴.

10 O ex-funcionário da Companhia Amazonense S/A, Masatoshi Takamura ao escrever a Uyetsuka em 1968, enumerava nove casos de suicídio e dez falecimentos de causas diversas (ARAÚJO, 1995, p.34). Nas entrevistas realizadas por Muto (2018) foram citados como suicídios os nomes de Izumi Tayama (K2), Hisayo Tsuji (mulher de Kotaro Tuji), Ikuro Harada (K3), Yoshito Ishihara (K3), Shiku Takamura (mulher de Masatoshi Takamura), Fukue Misono (K1), entre outros. Nota: K1= refere-se à *koutakusei* que chegou em 1931; K2 = idem, em 1932; K3 = idem, em 1933.

11 Entrevista concedida a Muto por Akira Hagino, em Manaus/AM, em outubro de 2016.

12 Entrevista concedida a Muto por Eduardo Satoshi Yamagute, em Boa Vista/RR, em novembro de 2017.

13 Entrevista concedida a Muto por Maria da Conceição Kimura, em Parintins/AM, em maio de 2017.

14 Entrevista concedida a Muto por Juliana Kimura Asano, em Ananindeua/PA, em março de 2018.

As famílias dos gêmeos Yoshio Ishihara e Yoshito Ishihara também passaram muitas agruras na vida desta Amazônia. Ikegami (2009, p.130) conta que Yoshito faleceu em 1945 com um tiro no coração, deixando a viúva Sachiyo com quatro filhos desamparados. A primeira filha Calmita foi para o orfanato, o segundo filho Eduardo para a casa do tio Kinji Ikegami e duas gêmeas ficaram com a mãe, até a adoção temporária de uma delas, Madalena, pela família de Yasuji Hasegawa e da outra, Cristina, pelo tio Yoshio Ishihara. A viúva se juntou com um brasileiro da colônia, chamado Sebastião, e teve mais duas filhas. Mas logo em seguida Sebastião faleceu e as duas filhas ficaram com a avó paterna. Em 1952, Sachiyo mudou-se de Santarém para Rio de Janeiro para trabalhar como governanta do embaixador japonês e levou apenas a filha Calmita. A família de Yoshito só conseguiu se reunir a partir de 1958. O falecimento de Yoshio Ishihara, em 1954, também trouxe transtornos para os Ishihara, pois deixou a viúva com dois filhos (IKEGAMI, 2009, p. 130).

Os primos Ikuro Harada (1913-1958) e Kozo Harada (1916-2001) também passaram por muitas dificuldades, pois tiveram muitos filhos (9 de Ikuro e 8 de Kozo). Em decorrência da vida difícil e sem recursos médicos, Kozo perdeu dois filhos (um em 1939 e outro em 1949), e depois a mulher Mizue em 1951. Ikuro por sua vez morreu em 1958, deixando 9 filhos para serem sustentados pela viúva Kiyoko. Na época, Ikuro trabalhava para a Jigyodan (agência do governo japonês) na abertura da Colônia Santa Efigênia (AM), para o assentamento dos imigrantes de pós-guerra e devia estar muito angustiado com as pressões. Em 1962, os viúvos se juntaram para cuidar dos filhos e educá-los em Santarém e Belém. Apesar das dificuldades quase todos os 15 filhos e 22 netos concluíram o curso superior (informação verbal)¹⁵.

É difícil acreditar que, apesar de tantas dificuldades (sem meios de comunicação, nem transporte rápido, energia, água encanada etc) e longe de parentes e amigos, muitos jovens do grupo koutaku permaneceram na Amazônia por longos anos, ou definitivamente, especialmente daqueles que casaram com as moças da região, a exemplo do koutakusseis Kuniji Koga, que esposou a nativa Raimunda Oliveira e teve oito filhos as margens do rio Uaicurapá, perto do Paraná de Ramos, na região do Andirá e viveu mais de 40 anos nesse lugar que tinha como “vizinhos” as famílias Mori e Tokuta. Os filhos contam que  medida que as crianças cresciam eles saíam para Parintins e ficavam na pensão de Saburo Ono para estudar e depois iam para Belém para cursar a faculdade. Apesar das dificuldades todos os filhos concluíram o curso superior, exceto a mais velha que  contabilista (2 grau) e uma filha que faleceu ainda jovem. Alguns voltaram à terra natal para tocar a vida perto dos pais. Depois, dos 15 netos de Koga, 13 concluíram o curso superior (informao verbal)¹⁶.

Alguns tiveram a sorte de ter apoio da família, como foi o caso de Sotaro Hara (K4) que veio com a mulher Kie Hara, em 1934, ambos com apenas 19 anos. Os pais e dois irmãos de Sotaro chegaram em 1936 para formar uma grande família na Ilha Caripuna (no Paraná de Ramos). O pai faleceu afogado em 1937 e a irmã faleceu por doença em seguida, mas o casal Hara teve 10 filhos, dos quais vários se tornaram comerciantes, de modo que eles tiveram uma velhice confortável em Manaus (ASS. KOUTAKU-AM, 2011, p.127-8).

15 Entrevistas concedidas a Muto por Urana Harada Ono, em Belém/PA, em fevereiro de 2017 e por Amlia Harada, em Belém/PA, em março de 2018.

16 Entrevista concedida a Muto por Olinda Koga Teixeira, em Belém/PA, em maio de 2017.

Os mais afortunados tiveram sucesso com a juta e passaram a adquirir embarcações para o transporte de carga e passageiros e para a prática do comércio de regatão como foi o caso de Kazunori Kimura, Toshizo Nakajima, Noboru Yamanouchi, Taro Yamazaki, entre outros. Contam que Kazunori Kimura (K1)-conhecido como “Kimurão”, teve mais sorte nas escolhas de sua vida. Ele arranhou emprego na Fazenda São José, da família Teixeira e casou em 1934 com a filha de um dos homens mais ricos de Parintins (Figura 4). Após o casamento com Adelaide Teixeira, Kazunori arrendou terras para plantar arroz, café, juta e comércio de castanhas em Parintins, onde adquiriu um armazém em 1943.

Figura 4 – Foto de casamento de Kazunori Kimura com Adelaide Teixeira (1934)



Fonte: Arquivo da família de Aldemira Kimura de Menezes, filha de Kazunori Kimura.

Ao término da Segunda Guerra Mundial, comprou terras na Ilha de Coracocó (Parintins/AM) e financiava os moradores para plantar juta. Depois abriu uma fazenda de gado em Saracura (Parintins/AM). Com o talento admirável nos negócios ele chegou a movimentar até 1.000 toneladas de juta (ao ano) e construiu várias fábricas (de gelo, de produção de guaraná, frigorífico, e torrefação de café com Ken-ichi Taketomi). Em 1964, abriu o primeiro cinema de Parintins, o Cine Oriental com 500 poltronas, que até a década de 1970 era o único cinema da cidade (ASS. KOUTAKU-AM, 2011; NAKANO, 2000a).

A filha de Kazunori conta que o pai teve oito filhos com Adelaide, os quais também tiveram sucesso na vida social e econômica (informação verbal)¹⁷. O primogênito, Alberto Kimura,

¹⁷ Entrevista concedida a Muto por Aldemira Kimura de Menezes, em Manaus, em outubro de 2016.

um dos maiores pecuaristas da região, tornou-se uma pessoa muito conhecida em Parintins com vários empreendimentos, inclusive com o cunhado Yoshinaka Taketoni. Alberto foi vereador de Parintins em 1959-1962. Em 1968 candidatou-se a prefeito pela ARENA (ALBERTO, 1968, p. 8), tanto que nos jornais de 1968 constam várias monções de apoio a Alberto Kimura, mas ele perdeu as eleições. Depois, tornou-se vice-prefeito na gestão seguinte. Na década de 1970 aparecem várias reportagens (especialmente no Jornal do Comércio/AM, na seção Jornal de Parintins) sobre os filhos de Kazunori, mormente pelos trabalhos desenvolvidos nas áreas de educação e saúde de Parintins, pelas professoras Aldair, Almerinda, Arlinda e pelo médico Aldemar Kimura.

RECONHECIMENTO AOS PIONEIROS DO PROJETO KOUTAKU

Como visto ao longo da tese de Muto (2018) muitos dos participantes do Projeto *koutaku* sucumbiram aos obstáculos, alguns pagaram com a vida, outros se dispersaram pelo Brasil, e outros retornaram à terra natal. Porém, o trabalho e a contribuição à formação econômica, social e cultural da Amazônia de vários desses corajosos imigrantes foram reconhecidos tanto no Brasil como no Japão, de modo que muitos foram reconhecidos pelas autoridades japonesas e brasileiras e pela comunidade local como benfeitores do povo desta região.

Tsukasa Uyetsuka foi agraciado pelo governo brasileiro com a comenda de “Grã-Cruz” da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul¹⁸ pela dedicação à indústria da juta na Amazônia. Em abril de 1965 foi condecorado pelo governo japonês, recebendo a condecoração de 2º grau *Kun-2-Tou Zuiho-Sho*. Em 1975 recebeu a medalha de Dedicador à Cultura Moderna da Província de Kumamoto, pela grande dedicação ao desenvolvimento da Amazônia (UYETSUKA [1954], 2011). No centro da cidade de Parintins, atrás do bumbódromo, existe uma praça denominada de “Praça Uetsuka” com o busto de Tsukasa Uyetsuka e placas com os nomes dos *koutakusseis* e outros membros do Projeto Koutaku, que estiveram em Parintins na década de 1930. A praça foi construída por ocasião da comemoração dos 50 anos de Imigração dos Kotakusseis na Amazônia e inaugurada em outubro de 1981. Esta homenagem foi feita pelo prefeito da cidade em agradecimento a brilhante atuação destes imigrantes que contribuíram para o desenvolvimento da região.

Kotaro Tuji naturalizou-se brasileiro em 1951, com decreto assinado pelo presidente Getúlio Vargas. Foi condecorado pelo governo japonês em 1958. Recebeu a medalha de mérito Marechal Rondon do Instituto Nacional de Geografia e História²⁰, de São Paulo em dezembro de 1966. Também recebeu o título de Cidadão Honorário Parintinense, em 1967, concedido pela Câmara Municipal de Parintins; e o título de cidadania belemense concedido pela Câmara Municipal de Belém, em 1969, e o título de “Cidadão Benemérito do Estado do Pará”, concedido pela Assembleia Legislativa do Pará, mas que não chegou a receber em vida. Por ocasião da inauguração (em 1971) do seu busto no átrio do Hospital Amazônia (Belém) foi entregue à família a comenda da Ordem do Sol Nascente, concedida pelo Imperador Hiroito (TUJI, 1968; s/data p.14; PIONEIRO DA JUTA, 1970; VALENTE, 2000).

18 Consta no Relatório do Ministério das Relações Exteriores (RJ), Ano 1955, ed.0001, p.96, que a ordem nacional foi concedida a Tsukasa Uyetsuka, em 23 de junho de 1955, como Presidente da Comissão da Diplomacia da Câmara dos Representes do Japão. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em 10 dez.2018.

19 Possivelmente é o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo - IHGSP.

Ao médico Yoshio Toda foi outorgado pelo presidente da Câmara Municipal de Parintins, em dezembro de 1967, o título de cidadão de Parintins, pelos relevantes serviços prestados àquele município. Em 1968 o Instituto Nacional de Geografia e História, de São Paulo condecorou também, Yoshio Toda, Ryota Oyama, Ryoza Emura e Renkichi Hiraga de Tomé Açu (DANTAS, 1968). Na cidade de Parintins existe um posto de saúde com o nome do Dr. Toda, em homenagem a esse médico que prestou relevantes serviços médicos a população ribeirinha da região no posto de Vila Amazônia.

O colono Yoshimasa Nakauchi recebeu em 1958 o diploma de Honra ao Mérito Madeira, expedido pelo Ministro dos Assuntos Estrangeiros do Japão, Tóquio, pelos seus empreendimentos realizados na incrementação da agricultura no Brasil. Também recebeu o título de cidadania parintinense, em dezembro de 1967, expedidos pela Câmara Municipal de Parintins, pelos relevantes serviços prestados à agricultura neste município (BUTEL, 2012). Nakauchi recebeu homenagens póstumas, pelo falecimento em 04 de junho de 1973, em Parintins. A primeira rua (beira-rio) de Parintins leva o nome de Avenida Nakauchi, onde a família de Yoshimasa Nakauchi residiu por longos anos (informação verbal)²⁰.

Acredita-se que o colono Ryota Oyama seja o mais homenageado imigrante do Projeto Koutaku, como descobridor da juta que leva o seu nome. Por ocasião do Cinquentenário da Imigração Japonesa no Brasil, foi condecorado pelo Imperador Hirohito com a Ordem do Sol Nascente Cordão Amarelo (1958). Posteriormente recebeu outra condecoração imperial, o Quinto Grau da Ordem do Tesouro Sagrado (1966). Pelo lado brasileiro foi-lhe concedido o título de Cidadão de Parintins (1963) e o título de Cidadão Benemérito do Estado do Amazonas em 1967; Medalha Brigadeiro José Vieira Couto Magalhães (1967) e Grão-Mestre da Ordem de Rio Branco (1968) pelo governo brasileiro. Também recebeu duas homenagens póstumas: Ordem do Mérito Grão-Pará no Grau de Oficial (1999) e a Medalha de Mérito do Centenário da Imigração Japonesa (2010) pelos Ministérios de Ciência e Tecnologia, Esporte, Turismo e Emprego. Na cidade de Parintins há um busto dele e uma escola denominada Escola Estadual Ryota Oyama, criada em fevereiro 1972 (HOMMA, 2011, p. 391).

Vários *koutakusseis* receberam títulos de cidadania das câmaras municipais, entre eles: Kuniji Koga (K3) recebeu o título de cidadania do Município de Parintins, em julho de 1987; Kinji Ikegami (K3) recebeu da Câmara Municipal de Alenquer o título de “Cidadão Alenquerense”, em junho de 1984 (Dec. Legislativo 006/84); Kumekichi Ishiguro (K4) recebeu em 1985 o grau de Comendador de Cruz de Mérito Cultural e em 1993 recebeu da Câmara Municipal de Monte Alegre o título de honra ao mérito e cidadania de Montealegrense (informação verbal)²¹. A família de Takashi Maruoka (K4) foi agraciada com o nome do filho “Togu Maruoka” em uma escola municipal e uma rua na cidade de Juruti, em agradecimento pelas relevantes contribuições dos Maruoka (informação verbal)²².

Na cidade de Parintins existe uma escola estadual com o nome da Professora Aldair Kimura, filha de Kazunori Kimura (K1), em homenagem àquela que exerceu vários cargos na área

20 Entrevista concedida a Muto por Celso Toyoshige Nakauchi, em Parintins, em maio 2017.

21 Entrevista concedida a Muto por Mario Ishiguro, em Belém, em abril de 2017.

22 Entrevista concedida a Muto por Toru Maruoka, em Belém, em abril de 2017.

de educação de Parintins e pelos relevantes serviços prestados à comunidade; e uma escola municipal de Parintins denominada Tadashi Inomata (F4)²³ onde se ensina a língua japonesa. Mais outra escola municipal na Vila Amazônia denominada Tsukasa Uyetsula. Também existe no município de Nova Olinda do Norte-AM, na calha do Rio Madeira, uma escola municipal de 1º grau com nome de Toshizo Nakajima (K1) (informação verbal)²⁴.

Mais recentemente, em comemoração aos 80 anos da chegada dos *koutakusseis* ao Amazonas, os *koutakusseis* Mamoru Chiba (1911-2016) e Zennoshin Shoji (1914-2015) receberam títulos de Cidadão do Amazonas da Assembleia Legislativa do Amazonas, pelos relevantes serviços prestados ao Amazonas, especialmente na contribuição no cultivo da juta, em sessão especial no dia 25 de outubro de 2011, em Manaus (informação verbal)²⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É fato que os jovens estudantes da Escola Superior de Colonização do Japão fizeram do Projeto *Koutaku* uma missão de vida. Como eles próprios declaram “vieram para ficar”. “A vinda dos *koutakusseis* para a Amazônia não foi com sentimento de um *dekassegui* e nem para ganhar dinheiro. A verdadeira intenção era o desbravamento da Amazônia para torná-la um lugar bom para se viver” (KOTAKU-KAI, 2011, p. 82-3). E junto com os *koutakusseis* vieram os técnicos, professores, colonos e os demais agregados embalados pelo sonho de fazer a Amazônia um lugar bom para viver.

A história tem revelado que todos os pioneiros do projeto *Koutaku* viveram a aventura de um tempo difícil e de grandes desafios para suportar uma vida tão adversa (com malária, febre amarela, isolamento, insetos) e tão diferente de seu habitat natural (clima, fauna, vegetação, cultura, idioma, urbanização, alimentação etc.). Muitos se transferiram para o Sudeste e outros redutos ou retornaram a terra natal. Alguns sucumbiram no percurso dessa grande jornada. Não obstante, os que permaneceram na região e as sementes que plantaram nas várzeas do grande rio foram suficientes para brotar uma nova cultura que marcou época na Amazônia. E foi graças ao sucesso da juta e às lideranças de Tsukasa Uyetsuka e Kotaro Tuji que foi autorizada pelo presidente Getúlio Vargas a vinda de 5.000 famílias de japoneses para a Amazônia no início da década de 1950, que veio impulsionar a produção de pimenta do reino e outras culturas na região.

O que podemos concluir da saga dos *koutakusseis* é que afora as fatalidades e os poucos casos de sucesso econômico, as histórias de vida dos *koutakusseis* são bastante parecidas entre si -de dificuldades e superação. São histórias de enorme sacrifício pessoal dos membros das famílias que tiveram de enfrentar limitações econômicas, com casos extremos de doenças e dificuldades para lidar com uma agricultura que exigia condições de trabalho insalubres e sujeito a frequentes acidentes. Assim, com o tempo eles passaram a financiar o caboclo no sistema de aviamento, que incluía o fornecimento de mantimentos, ferramentas, sementes e conhecimentos (tecnologia) para o plantio da juta e produção da fibra.

23 Funcionário (F4) chegado na quarta turma em 1934 (Muto, 2018, p. 307).

24 Entrevista concedida a Muto por Wilson Yoshiyuki Shoji, em Manaus, em outubro de 2016.

25 Entrevista concedida a Muto por Wilson Yoshiyuki Shoji, em Manaus, em outubro de 2016.

Com o ganho eles passaram explorar pequenos comércios de gêneros alimentícios e provisões para a comunidade local, ou ainda, incrementar outras produções agrícolas e criação de gado. Entretanto, algumas famílias ficaram dezenas de anos na cultura da juta, como os Oyama, Nakauchi, Oda, Ikegami, Ishihara, entre outros e nem todos tiveram sucesso econômico. Por exemplo, um dos filhos de Hiroki Oda, conta que a família trabalhou 48 anos na juta, por fim sem recursos os filhos e netos foram trabalhar como *decasségui* no Japão (informação verbal)²⁶.

26 Entrevista concedida a Muto por Jorge Harunobu Oda, em Itacoatiara/AM, em outubro de 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTO Kimura no páreo sucessório de Parintins. *Jornal do Comércio*. Manaus. Ed. 19788. 26 abr. 1968, p. 8. Disponível em: <<http://memoria.bn.br>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

APANB – Associação Pan-Amazônia Nipo-Brasileira. *70 anos de imigração japonesa na Amazônia*. Baseado no livro comemorativo aos 60 anos da Imigração japonesa na Amazônia, editada em 1994. Maruoka, Y. (Org). Tradução s/d (publicada em 2001). São Paulo: Topan Press. 283 p.

ARAÚJO, Carlos. *Histórico da imigração japonesa no Estado do Amazonas*. Manaus: Federação das Indústrias do Estado do Amazonas. 1995. 37 p.

ASSOCIAÇÃO KOUTAKU DO AMAZONAS. *A saga dos koutakusseis no Amazonas: Uma história de pioneirismo, sofrimento, perseverança e Sucesso*. Manaus: 2011, 206 p.

BUTEL, Irian. *História e Memória Política do Município de Parintins/Irian Butel*; Larice Butel; Jucielle Cursino. – Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2012. 58 p. Disponível em http://www.camaraparintins.am.gov.br/livros/livro_vol2/files/volume%20ii.pdf. Acesso em 13 ago.2018.

A CONCESSÃO Japoneza no Amazonas. *O Observatório Econômico e Financeiro (RJ)*. Periódico mensal. Rio de Janeiro. Ed. 00006. Jul. 1936, p. 38-44. Disponível em: <http://memoria.bn.br>. Acesso em: 7 ou. 2016.

DANTAS, Milton. A história da Plantação da Juta na Amazônia. *O Liberal*. Belém. 28 maio 1968. p.7.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. *A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola*. 2. ed. Brasília: Embrapa, 2016, 255 p.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. A agricultura Nikkei e o desenvolvimento da agricultura na Amazônia. In: HOMMA, Alfredo Kingo Oyama, et. al (Org). *A imigração na Amazônia: contribuição na agricultura e vínculo com o desenvolvimento regional*. Manaus: EDUA, 2011, p. 339-376.

HOMMA, Alfredo Kingo Oyama. *A imigração japonesa na Amazônia: sua contribuição ao desenvolvimento agrícola*. Belém-PA: Embrapa Am. Oriental; Fiepa. 2007. 217 p.

IKEGAMI, Antão Shinobu. *A Fibra e o Sonho*. São Paulo; Ed. A Gazeta Maçônica Ltda. 2009. 216 p.

JAMIC– Japan International Co. Kokusai Kyorioku. *Relatório da JAMIC/JAMES*. 1988. 315 p. (em japonês).

JUTA: cinco décadas de trabalho e desencanto. *Jornal do Comércio (AM)*. Manaus. Ed. 20577. Caderno 2. 16 dez.1970, p.9. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital>>. Acesso em: 07 jun.2016.

KOTAKU-KAI DO PARÁ. *História da colonização da Amazônia pelos estudantes e pessoas relacionadas a Escola Superior de Colonização do Japão*. Belém [1989], reedição parcial, 2011. 83 p.

LIBONATI, Virgílio Ferreira. *A Juta na Amazônia*. Belém: IAN, 1958. 83 p.

MUTO, Reiko. *Os Koutakusseis e os ideais do expansionismo japonês na Amazônia*. 2018. 351f. Tese (Doutorado em desenvolvimento socioambiental) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

NAKANO, Yorio. *Lista de endereços das famílias Koutaku*. São Paulo, 31 dez. 2000a, 55 p.

NAKANO, Yorio. *Boletim KOUTAKU-KAI*, São Paulo, n. 286, p. 3-4, 30 nov. 2000b.

NAKANO, Yorio. *Boletim KOUTAKU-KAI*, São Paulo, n. 282, 31 jul. 2000c.

PIONEIRO DA JUTA na área será cidadão do Pará. *Jornal do Comércio (AM)*. Edição 20553, de 11 de nov, 1970, p.2. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>> Acesso em: 07 out.2016.

TUJI, Kotaro. *A história da plantação da Juta na Amazônia*. Arquivo pessoal da viúva Leonor Garcia Tuji. s/d. Belém, datilografado 14 p.

TUJI, Kotaro. *Biografia*. Arquivo pessoal da viúva Leonor Garcia Tuji. Belém, 1968, datilografado 7 f.

UYETSUKA, Tsukasa. *História da plantação de juta e imigração japonesa no vale do Amazonas*. Tokyo, [1954] 2011, 37 p.

VALENTE, Luiz Ismaelino. O pioneiro dos pioneiros. *O Liberal*. 27 nov.2000, p.8.